

HOMENAGEM À

CATALUNHA

E RECORDANDO A

GUERRA ESPANHOLA



GEORGE ORWELL



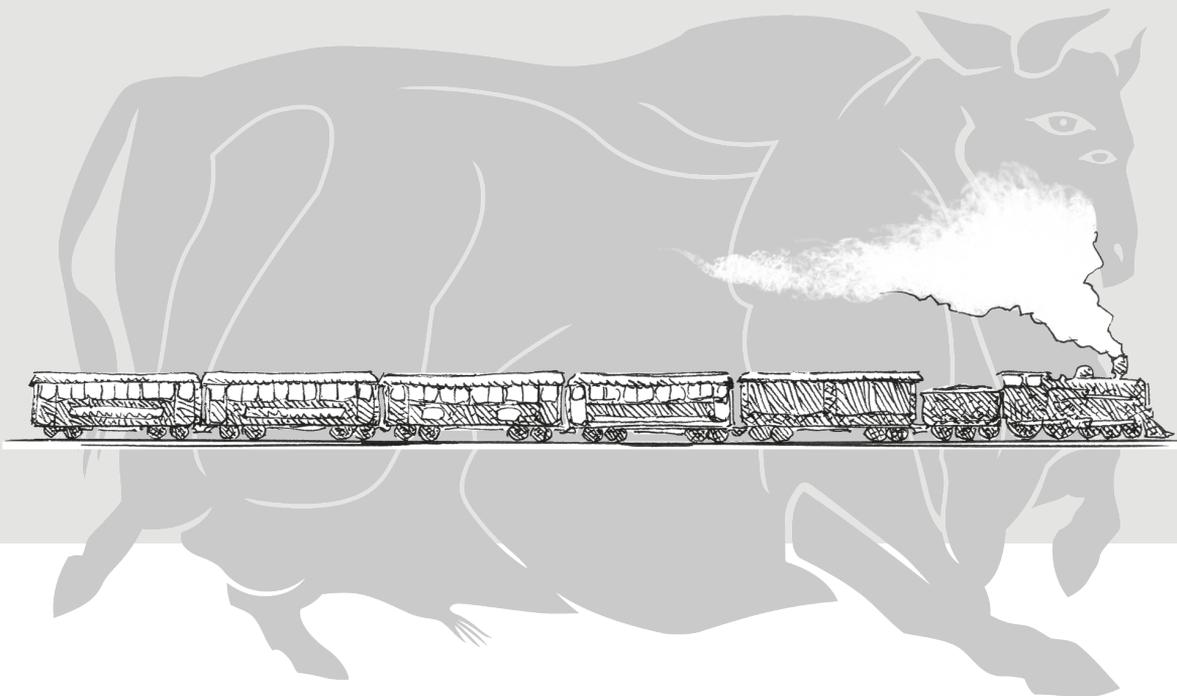
AVIS RARA

George Orwell

HOMENAGEM À
CATALUNHA
E RECORDANDO A
GUERRA ESPANHOLA

TRADUÇÃO E NOTAS
DUDA TEIXEIRA





I

“Não responda ao tolo de acordo com a sua tolice, para não se igualar a ele.

Responda ao tolo de acordo com a sua tolice, para que ele não seja sábio em seu próprio conceito.”

Bíblia, Provérbios XXVI, 5-6

No Quartel Lênin, em Barcelona, um dia antes de ingressar na milícia, vi um miliciano italiano de pé, em frente à mesa dos oficiais.

Era um jovem de 25 ou 26 anos, com um jeito rude, o cabelo loiro acobreado e ombros largos. Seu quepe de couro pontudo estava puxado ferozmente sobre um dos olhos. De perfil para mim, o queixo no

peito, olhava com uma expressão intrigada para um mapa que um dos oficiais abrira sobre a mesa. Algo em seu rosto me comoveu profundamente. Era o rosto de um homem capaz de cometer um assassinato e jogar sua vida fora por um amigo — o tipo de rosto que se esperaria em um anarquista, embora a probabilidade é que fosse comunista.

Havia nele candura e ferocidade, e também a comovente reverência que os analfabetos têm por seus supostos superiores. Era óbvio que o mapa para ele não tinha nem pé nem cabeça. Era óbvio que ele considerava a leitura de mapas um feito intelectual estupendo. Difícil saber por que, mas raramente vi alguém — qualquer homem, quero dizer — que tenha me agradado tão de imediato. Enquanto conversavam ao redor da mesa, um comentário revelou que eu era estrangeiro. O italiano ergueu a cabeça e logo disse:

— Italiano?

Respondi no meu espanhol precário:

— *No, inglés. Y tu?*

— Italiano.¹

Quando saímos, ele cruzou a sala e agarrou minha mão com força. Estranho como é possível sentir ternura por um desconhecido! Foi como se o espírito dele e o meu tivessem momentaneamente conseguido transpor o abismo da linguagem e da tradição e se encontrassem com a mais profunda intimidade. Torci para que ele tivesse gostado de mim tanto quanto eu havia gostado dele. Mas também sabia que, para reter minha primeira impressão sobre ele, não deveria vê-lo de novo; nem preciso dizer que nunca mais o vi. Estávamos sempre fazendo contatos desse tipo na Espanha.

Menciono esse miliciano italiano porque ele ficou vividamente gravado em minha memória. Com seu uniforme em farrapos e seu comovente rosto bravo, ele representa para mim a atmosfera especial daquela época. Está conectado a todas as minhas memórias daquele período da guerra — as bandeiras vermelhas em Barcelona, os trens desolados cheios de soldados maltrapilhos arrastando-se para o front e, mais adiante na linha, as cidades cinzentas devastadas pelo conflito, as trincheiras gélidas e lamacentas nas montanhas.

Isso foi no final de dezembro de 1936, menos de sete meses atrás enquanto escrevo, e, no entanto, é um período que já recuou a uma enorme distância. Acontecimentos posteriores obliteraram esse período de forma muito mais completa do que o ano de 1935, ou mesmo o de 1905. Vim para a Espanha com a vaga ideia de escrever artigos de jornal, mas acabei ingressando na milícia quase de imediato, porque naquela época e naquele ambiente parecia a única coisa imaginável a se fazer. Os anarquistas ainda estavam teoricamente no controle da Catalunha e a revolução ainda estava em pleno andamento. Para qualquer um que estivesse lá desde o início, provavelmente parecia já em dezembro ou janeiro que o ímpeto revolucionário estivesse terminando, mas para alguém vindo direto da Inglaterra, o aspecto de Barcelona era algo surpreendente e arrebatador. Foi a primeira vez que estive numa cidade onde a classe trabalhadora estava no comando.² Praticamente todos os prédios de todos os tamanhos tinham sido tomados pelos trabalhadores e estavam enfeitados com bandeiras vermelhas ou com a bandeira vermelha e preta dos anarquistas; todos os muros estavam pichados com a foice e o martelo e as iniciais dos partidos revolucionários; quase todas as igrejas tinham sido pilhadas e suas imagens, queimadas. Igrejas aqui e ali vinham sendo sistematicamente demolidas por bandos de trabalhadores.³ Todas as lojas e cafés exibiam um cartaz dizendo que tinham sido coletivizados; até mesmo os engraxates foram coletivizados, e suas caixas, pintadas de vermelho e preto. Garçons e lojistas nos encaravam nos olhos e nos tratavam como iguais. As formas de tratamento servis, e até mesmo as de cortesia, desapareceram temporariamente. Ninguém dizia “*señor*” ou “*don*” ou mesmo “*usted*”; todos se chamavam de “camarada” e “tu”, e diziam “Olá!” em vez de “Bom dia”. Dar gorjeta era proibido por lei; praticamente minha primeira experiência foi receber um sermão de um gerente de hotel por tentar dar gorjeta a um ascensorista. Não existiam mais automóveis particulares, todos tinham sido confiscados; e todos os bondes e táxis, e muitos dos outros meios de transporte, foram pintados de vermelho e preto. Cartazes revolucionários estavam por toda parte, flamejando nos muros em tons de vermelho e azul,

que faziam os poucos anúncios restantes parecerem como manchas de lama. Descendo as Ramblas, a larga artéria central da cidade onde multidões circulavam sempre de um lado para outro, os alto-falantes berravam canções revolucionárias durante o dia inteiro e noite adentro. O aspecto da multidão era a coisa mais estranha de todas. Pelo visto, era uma cidade em que as classes ricas praticamente tinham deixado de existir. Exceto por um pequeno número de mulheres e estrangeiros, não havia ninguém “bem-vestido”. Quase todos usavam roupas rústicas da classe trabalhadora ou macacões azuis, ou então uma variante do uniforme das milícias. Tudo isso era curioso e comovente. Muitas coisas escapavam à minha compreensão, mas reconheci de imediato que se tratava de uma situação pela qual valia a pena lutar. Também acreditei que as coisas eram como pareciam ser, que se tratava de fato de um estado operário e que toda a burguesia tinha fugido, sido morta ou voluntariamente se colocado ao lado dos trabalhadores. Não percebi que um grande número de burgueses abastados estava apenas se escondendo e se disfarçando de proletários naqueles tempos.

Junto a tudo isso, havia algo da atmosfera maligna de guerra. A cidade exibia uma aparência sombria e suja, as vias e os prédios estavam malcuidados; as ruas à noite eram pouco iluminadas pelo temor de ataques aéreos; quase todas as lojas estavam em más condições e meio vazias. A carne era escassa e o leite quase impossível de se obter, havia falta de carvão, açúcar e gasolina, e uma falta realmente séria de pão.⁴ Mesmo nesse período, as filas de pão costumavam ter centenas de metros de comprimento. No entanto, até onde era possível julgar, as pessoas estavam contentes e esperançosas. Não havia desemprego e o custo de vida ainda era muito baixo, raras eram as pessoas visivelmente pobres e ninguém mendigava, exceto os ciganos. Acima de tudo, havia uma crença na revolução e no futuro, uma sensação de se ter emergido repentinamente em uma era de igualdade e liberdade. Os seres humanos estavam tentando se comportar como seres humanos e não como engrenagens da máquina capitalista. Nas barbearias, havia cartazes anarquistas (a maioria dos barbeiros era anarquista) explicando com solenidade que eles não eram mais escravos. Nas

ruas, cartazes coloridos apelavam às prostitutas para que deixassem seus trabalhos.⁵ Para qualquer um vindo da civilização calejada e sarcástica das raças anglófonas, havia algo bastante vulnerável na literalidade com que esses espanhóis idealistas interpretavam as frases banais de revolução. Naquela época, músicas revolucionárias do tipo mais ingênuo, todas sobre a fraternidade proletária e a maldade de Mussolini, eram vendidas nas ruas por algumas moedas cada. Muitas vezes vi milicianos analfabetos comprarem essas canções, soletrarem laboriosamente as palavras e então, depois de pegarem o jeito, saírem cantarolando com uma melodia apropriada.

Estive todo esse tempo no Quartel Lênin, supostamente treinando para o front. Quando ingressei na milícia, disseram-me que eu deveria ser mandado para a linha de frente no dia seguinte, mas na verdade tive que esperar enquanto uma nova centúria era preparada. As milícias operárias, juntadas às pressas pelos sindicatos no início da guerra, ainda não estavam organizadas como um exército normal. As unidades de comando eram a “seção” com cerca de trinta homens; a centúria, com cerca de cem, e a “coluna”, que, na prática, significava qualquer grande número de homens. O Quartel Lênin era um bloco de esplêndidas construções de alvenaria com uma escola de equitação e enormes pátios de paralelepípedos; tinha sido um quartel de cavalaria e fora confiscado durante os combates de julho. Minha centúria dormia em um dos estábulos, sob os cochos de pedra onde os nomes dos animais ainda estavam gravados. Todas as montarias haviam sido capturadas e enviadas para o front, mas o lugar ainda cheirava a urina de cavalo e aveia podre. Fiquei no quartel por cerca de uma semana. Lembro principalmente do cheiro dos animais, dos toques trêmulos de clarim (todos os nossos corneteiros eram amadores — a primeira vez que ouvi os toques de clarim espanhóis foi vindo do outro lado das linhas fascistas), os tramp-tramp das botas de tachões no pátio do alojamento, as longas marchas matinais sob o nascer do sol de inverno, os jogos selvagens de futebol, com cinquenta jogadores de cada lado, no saibro da escola de equitação. Havia talvez mil homens no quartel e cerca de vinte mulheres, além das esposas dos milicianos,

que preparavam a comida. Ainda havia mulheres servindo nas milícias, embora não muitas. Nas primeiras batalhas, elas lutaram lado a lado com os homens, sem problemas. É algo que parece natural em tempos de revolução. No entanto, essas ideias já estavam mudando. Os milicianos tinham que ser mantidos fora da escola de equitação enquanto as mulheres treinavam porque riam e desdenhavam delas. Alguns meses antes, ninguém acharia nada de cômico numa mulher empunhando uma arma.

Todo o quartel estava em um estado de imundície e caos, reduzido ao que a milícia fazia em todos os edifícios que ocupava, e que parece ser um dos subprodutos da revolução. Em cada canto havia pilhas de móveis quebrados, selas destruídas, capacetes de latão de cavalaria, bainhas de sabre vazias e comida em decomposição. Havia um terrível desperdício de alimento, especialmente pão. Só do meu alojamento, uma cesta cheia de pães era jogada fora a cada refeição — uma coisa vergonhosa quando para a população civil estava em falta. Comíamos em mesas compridas armadas sobre cavaletes, usando vasilhas de lata permanentemente engorduradas, e bebíamos de uma coisa horrível chamada *porrón*. Um *porrón* é uma espécie de garrafa de vidro com um bico pontudo, de onde sai um jato fino de vinho quando inclinado. Pode-se, assim, beber a distância, sem tocá-lo com os lábios, e passá-lo de mão em mão. Protestei e exigi uma caneca assim que vi um *porrón* em uso. A meu ver, aquilo parecia um penico, ainda mais quando estava cheio de vinho branco.

Gradualmente, eles começaram a enviar os uniformes aos recrutas e, se tratando da Espanha, tudo era distribuído aos poucos, de modo que nunca se sabia ao certo quem tinha recebido o quê. Várias das coisas de que mais precisávamos, como cinturões e cartucheiros, foram enviadas apenas no último minuto, quando o trem estava realmente nos esperando para nos levar para a linha de frente. Usei a palavra “uniforme” da milícia, mas é provável que isso gere uma impressão equivocada. Não era bem um uniforme. Talvez “multiforme” seja o mais adequado. As roupas seguiam o mesmo plano geral, mas nunca chegavam a ser iguais, se comparadas. Quase todo mundo

no exército usava calças de veludo caneladas, mas acabava aí a uniformidade. Alguns usavam grevas, outros polainas de veludo, outros perneiras de couro ou botas de cano alto. Todos usavam uma jaqueta com zíper, mas algumas delas eram de couro, outras de lã, e de todas as cores imagináveis. Os tipos de quepe eram tão numerosos quanto seus usuários. Era comum enfeitar a frente do quepe com um símbolo do partido e, além disso, quase todo homem usava um lenço vermelho ou rubro-negro em volta do pescoço. Uma coluna da milícia naqueles tempos era uma turba de aparência extraordinária. Mas as roupas só podiam ser distribuídas à medida que as fábricas as entregavam, e não eram roupas ruins, considerando-se as circunstâncias. Todavia, as camisas e as meias eram de um algodão deplorável, inúteis contra o frio. Odeio pensar no que os milicianos devem ter passado nos primeiros meses, antes que qualquer coisa tivesse sido organizada. Lembro de ter encontrado um jornal de apenas dois meses antes, no qual um dos líderes do Partido Operário de Unificação Marxista (Poum), depois de visitar o front, disse que providenciaria para que “cada miliciano tivesse um cobertor”. Uma frase que dá calafrios a qualquer um que já tenha dormido numa trincheira.

No meu segundo dia no quartel, teve início o que foi comicamente chamado de “instrução”. No início, ocorreram cenas assustadoras de caos. Os recrutas eram em sua maioria garotos de dezesseis ou dezessete anos das ruelas de Barcelona, cheios de ardor revolucionário, mas completamente ignorantes do significado da guerra. Era impossível até mesmo fazer com que ficassem em fila. A disciplina não existia; se um homem não gostasse de uma ordem, ele saía da formação e discutia acaloradamente com o oficial. O tenente que nos preparava era novo, robusto, de rosto jovem e agradável, que já fora oficial do Exército regular, e ainda se parecia com um, com sua postura elegante e seu uniforme impecável. Curiosamente, ele era um socialista sincero e fervoroso. Mais até do que os próprios homens, ele insistia na igualdade social completa entre todas as hierarquias. Lembro de sua triste surpresa quando um recruta ignorante se dirigiu a ele como “*Señor*”: “O quê! *Señor*? Quem é este me chamando de *Señor*? Não somos todos

camaradas?” Duvido que isso tenha tornado seu trabalho mais fácil. Enquanto isso, os brutos recrutados não recebiam nenhum treinamento militar que pudesse ser de alguma utilidade. Disseram-me que os estrangeiros não eram obrigados a assistir à “instrução” (os espanhóis, percebi, tinham uma crença comovente de que todos os estrangeiros sabiam mais de assuntos militares do que eles), mas naturalmente eu compareci com os outros. Estava muito ansioso para aprender a usar uma metralhadora; era uma arma que eu nunca tivera a chance de manusear. Para minha consternação, descobri que nada nos foi ensinado sobre o uso de armas. A chamada “instrução” era apenas um exercício do tipo mais antiquado e estúpido; virar à direita, virar à esquerda, meia-volta, marcha em colunas de três e toda aquela baboseira inútil que aprendi aos quinze anos. Era um tipo de treinamento extraordinário para dar a um exército guerrilheiro. Obviamente, se temos apenas alguns dias para treinar um soldado, é preciso ensinar a ele as coisas de que mais precisa; como se proteger, como avançar em terreno aberto, como montar guarda e como construir um parapeito — acima de tudo, como usar suas armas. No entanto, essa multidão de crianças ansiosas, que seria despejada na linha de frente em alguns dias, não foi ensinada nem mesmo a disparar um fuzil ou puxar o pino de uma bomba. Na época, não percebi que isso acontecia porque não havia armas disponíveis.⁶ Na milícia do Poum, a escassez de fuzis era tão desesperadora que as novas tropas que chegavam ao front precisavam sempre pegar as armas das tropas que eram substituídas. Em todo o Quartel Lênin, não havia, creio eu, nenhum fuzil, a não ser os usados pelas sentinelas.

Depois de alguns dias, embora ainda não passássemos de uma grande gentalha, segundo qualquer padrão, fomos considerados prontos para ser vistos em público e, pelas manhãs, marchávamos porta a fora para os jardins públicos na colina depois da Praça da Espanha. Esse foi o campo de treinamento comum a todas as milícias dos partidos, além dos *carabineros* e dos primeiros contingentes do recém-formado Exército Popular. Dos jardins no alto, a visão era estranha e encorajadora. Por todos os caminhos e becos, entre canteiros de flores,

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



**ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM OUTUBRO DE 2021**